

pudessem auxiliar, e uma criança de cinco anos de idade, cuja presença no prédio fôra esquecida por causa da pressa e do pânico do momento.

A mãe da criança era, ao que parece, amiga ou parenta da locatária, e tinha deixado a criança a seu cargo naquela noite, por ter de viajar até Colchester para qualquer assunto urgente. Não foi senão quando estavam todos salvos e o prédio todo envolvido em chamas, que a inquilina se lembrou com uma súbita angústia da criancinha que lhe tinha sido confiada. Parecia então impossível tentar chegar até à água-furtada onde a criança tinha ficado dormindo, mas um dos bombeiros resolveu heróicamente tentá-lo, e, depois de ter obtido indicações minuciosas sôbre a situação exata do quarto, meteu-se pelo meio do fumo e da labareda.

Encontrou o pequenino e trouxe-o para a rua inteiramente incólume; mas, quando se juntou aos seus camaradas, tinha uma história bem singular para contar-lhes. Disse êle que, quando chegou ao quarto, o encontrou já pasto das chamas e sem parte do sobrado; mas o fogo tinha feito uma curiosa curva à roda do quarto em direção à janela, de uma maneira inteiramente estranha e inexplicável, a que nada na sua experiência correspondia, e isto de modo que o canto onde estava a cama da criança nada sofrera ainda, conquanto estivessem já quase destruídas as próprias vigas sôbre que assentava-se aquêle bocado do sobrado onde a cama estava. A criança estava, como é natural, assustadíssima, mas o bombeiro claramente e várias vêzes declarou que quando, com grande risco, caminhava para ela, viu uma figura como a de um

anjo — aqui citam-se as suas palavras precisas, — uma coisa “tôda gloriosamente branca e prateada, debruçando-se sôbre a cama arranjando a colcha.” Dizia o bombeiro que não havia êrro possível, visto que nessa forma se tornou visível por alguns momentos num aumento das chamas, desaparecendo apenas quando êle já estava a pouca distância dela.

Outro detalhe curioso da mesma história é que a mãe da criança não pôde essa noite, em Colchester, conciliar o sono, visto que persistentemente a afligia um forte sentimento de que qualquer coisa estava acontecendo ao filhinho, tanto que por fim se viu obrigada a levantar-se da cama e a rezar durante algum tempo, pedindo que o pequeno fôsse protegido contra o perigo que ela sentia que pairava sôbre êle. A intervenção foi pois aquilo a que um cristão chamaria uma resposta a uma oração: um teosofista, pondo a mesma idéia em fraseologia mais científica, diria que a emanção intensa de amor que vinha da mãe constituiu uma fôrça de que um dos nossos auxiliares invisíveis pôde servir-se para salvar a criança de uma morte horrorosa.

Um caso notável, em que algumas crianças foram anormalmente protegidas, deu-se nas margens do Tâmsa, ao pé de Madenhead, uns anos antes do exemplo citado. Desta vez o perigo de que elas foram salvas proveio, não do fogo, mas da água. Três pequenitos, que viviam, se bem me recordo, na aldeia de Shottesbrook, ou perto, foram levados a passear pela criada pela estrada de reboque. Ao virarem uma curva, foram de encontro a um cavalo que rebocava uma barcaça, e como, com a confusão, duas das crianças se colocassem entre o cavalo e a margem foram